

**JUÍZO DA
VERDADEIRA
CAUSA DO
TERREMOTO
QUE PADECEU
A CORTE DE
LISBOA**

**PADRE GABRIEL
MALAGRIDA**

PELO PADRE GABRIEL MALAGRIDA, DA COMPANHIA DE JESUS, MISSIONÁRIO APOSTÓLICO
LISBOA, NA OFICINA DE MANUEL SOARES, MDCCLVI
COM TODAS AS LICENÇAS NECESSÁRIAS¹

Se [o] maior serviço que pode fazer um cidadão fiel à sua pátria é descobrir-lhe os inimigos mais pérfidos e perniciosos que lhe maquinam ruínas e tragédias, as mais funestas e deploráveis à sua monarquia, a esta palma certamente me obriga anelar com todo o empenho a compaixão e dor inexplicável que me aflige, de ver (por causa destes abomináveis contrários) em decadência uma corte tão rica, tão bela, tão florescente, debaixo do suave e pacífico império de um rei pio e fidelíssimo, que podia causar inveja às mais opulentas cortes de todo o mundo, e uma não mal fundada esperança de podermos descobrir remédio e achar meio com que torne ao resplendor e felicidade primeira, todas as vezes que estes fatais opostos da felicidade pública forem abatidos.

Sabe, pois, ó Lisboa, que os únicos destruidores de tantas casas e palácios, os assoladores de tantos templos e conventos, homicidas de tantos seus habitantes, os incêndios devoradores de tantos tesouros, os que [a]² trazem ainda tão inquieta e fora da sua natural firmeza, não são cometas, não são estrelas, não são vapores ou exalações, não são fenómenos, não são contingências ou causas naturais, mas são unicamente os nossos intoleráveis pecados. Esta demasiada carga foi para nós aquele *onus Aegypti*³ que aponta o profeta Isaías no capítulo 90, o qual, assim como então fez de um reino, o mais opulento do mundo,

1 Texto selecionado pela equipe constituída por José Eduardo Franco, Madalena Costa Lima, Ricardo Ventura e João Cambado, responsável pela pesquisa, transcrição e fixação. As traduções das passagens em língua alta estiveram a cargo de José Carlos Lopes de Miranda. A edição que ora se apresenta do Ofício e respetivas licenças, realizada por Ricardo Ventura, seguiu os critérios adotados para a edição dos textos do projeto POMBALIA – POMBAL GLOBAL (PTDC/HAR-HIS/32197/2017), que se pautam pela atualização e normalização da ortografia e da pontuação; as intervenções no texto (de correção e/ou acrescentamento) do editor são dadas entre parênteses retos e as notas de rodapé deste, nomeadamente as de tradução, são assinaladas por Nota do Editor (N. E.). A fonte documental seguida para a presente edição foi o exemplar com a cota H.G. 23578//15 P. da Biblioteca Nacional de Portugal (doravante referido como BNP, H.G. 23578//15 P.), do qual foi feita a transcrição semidiplomática por Madalena Costa Lima.

2 Em BNP, H.G. 23578//15 P.: as. (N. E.)

3 “Ônus do Egito” (cf. Is 19, 1). (N. E.)

um assombro de misérias, assim no presente fez de uma corte, rainha das da Europa, o horroroso cadáver que contemplamos: *Iniquitates nostrae supergressae sunt caput nostrum, et sicut onus grave gravatae sunt super nos*.⁴

*Quis erit, ó consternada corte, ille ferreus qui non moveatur,*⁵ à vista de tão horrenda desolação? *Campus ubi Troia fuit:*⁶ oh, *utinam*⁷ que fossem ao menos campos! Que seria menos dificultoso excogitar algum modo de restauração! Porém, eu não vejo mais que a montes inconsoláveis ruínas, à vista dos quais não podia deixar de lançar rios de lágrimas um Jeremias e fazer como próprias deste lastimoso estrago as lamentações que já fez sobre a sua amada Jerusalém: *Quomodo sedet sola civitas plena populo; facta est quasi vidua domina gentium.*⁸ Todos os seus moradores a desemparraram, submergindo-se no seu pranto: *Plorans ploravit in nocte, et non est qui consoletur eam ex omnibus caris ejus;*⁹ porque a dor, e o estrago imenso, não admite consolação: *Viae Sion lugent, eo quod non sint qui veniant ad solemnitatem;*¹⁰ e como hão de acudir passageiros às festas e solenidades, se não há nem ruas, nem casas, nem templos, nem altares, nem sacramentos? *Omnes portae ejus destructae, sacerdotes ejus gementes, virgines ejus squalidae:*¹¹ quebradas as suas clausuras, saem dos seus conventos as esposas do Senhor, fazendo de uma cidade tão pia e tão católica uma Babilónia de inconsolável confusão: *et ipsa oppressa amaritudine.*¹² E donde procederam tantas ruínas? *Propter multitudinem iniquitatum ejus.*¹³ Não faltaram também à infeliz Jerusalém os arrancos de terremotos estrondosíssimos, confederados com outros males, não menos formidáveis; porém, tudo foi efeito unicamente dos seus grandes pecados: *Peccatum peccavit Jerusalem, propterea instabilis facta est.*

4 “As nossas iniquidades estão sobre a nossa cabeça e como um fardo pesado nos oprimem” (cf. Sl 38, 5). (N. E.)

5 “Quem haverá tão inflexível, que não se comova?” (N. E.)

6 “O campo onde Troia existiu” (cf. *Eneida* III.11). (N. E.)

7 “Quem dera.” (N. E.)

8 “Como se queda solitária a cidade outrora cheia de povo; aquela que era senhora das nações assemelha-se a uma viúva” (para estas citações, cf. Lm 1,1-5). (N. E.)

9 “De noite chorou incessantemente, e não há quem a console de entre os que lhe eram queridos.” (N. E.)

10 “Os caminhos de Sião lamentam-se, porque não há quem venha à festa solene.” (N. E.)

11 “Todas as suas portas estão destruídas, os seus sacerdotes soltam gemidos, as suas virgens estão esqueléticas.” (N. E.)

12 “E ela está oprimida com amargura.” (N. E.)

13 “Por causa da vastidão das suas iniquidades.” (N. E.)

*Facti sunt hostes ejus in capite, inimici ejus locupletati sunt.*¹⁴ Com tão grande colheita de almas pecadoras que levaram para o Inferno; e tudo isto unicamente pelo excesso dos seus pecados: *Quia Dominus locutus est super eam propter multitudinem iniquitatum ejus.*¹⁵

Para maior confirmação de verdade tão indubitável, seja-me lícito trasladar um rasgo de um nobilíssimo orador sagrado da Companhia de Jesus, usado oportunamente em ocasião de uma gravíssima calamidade, com que o braço divino ameaçava não sei que cidade de Itália, sua pátria. Padre Ant[o]n.¹⁶ Bordon:¹⁷

Qualora oppresse da calamità gemono le provincie e le città, non occorre no darne al cielo la colpa con attribuirne a maligne costellazioni l' origine. Chi fa reo dei comuni disastri un Marte, o un Giove, o un Saturno, o un qualche altro pianeta malevolo, credetemi, uditori, inganna se stesso e inganna voi. La vera regola per accertare la cagione dei veri mali che inondano non dagli astrologi se deve prendere, ma dai libri sacri. Leggeteli pertanto, e vi scorgerete che la fonte amara da cui tutte scaturiscono le miserie dei populi ella è il peccato: *Miseros facit populos peccatum* (Prov.). Questo è il principio che stabiliscono generalissimo; e poi scendendo a lezioni particolari, vi fanno sapere che se vedete abbattimento di monarchie, desolazione di regni, sconvolgimento di governi, tutto lo sconcerto viene dal peccato: *Regnum a gente in gentem transfertur propter injustitias, et inimicitias, et contumelias, et diversos dolos* (Ecle. 2). Vi fanno sapere che se vedete involarsi da ostinate arsurre i fieni al prato, le messi al campo, le vindemie alla vigna, ciò che vi rende di bronzo el cielo, sicchè non isciolgasi in una stilla di pioggia, si è il peccato: *Propter peccata vestra dabo vobis coelum sicut ferrum et terram aeneam.* Vi fanno sapere che se dai tremuoti scompaginata la terra seppellisce

14 “Jerusalém pecou gravemente, e por isso tornou-se vacilante. Os seus adversários tornaram-se seus senhores, os seus inimigos enriqueceram.” (N. E.)

15 “Porque o Senhor pronunciou-se contra ela por causa da vastidão das suas iniquidades.” (N. E.)

16 Em BNP, H.G. 23578//15 P.: e. (N. E.)

17 Segue-se uma longa citação do padre jesuíta Giuseppe Antonio Bordoni, no seu “Discurso XX, nell’ Ottava di Pentecoste: Peccato origine di tutti i mali”. In: *Discorsi per l’esercizio della buona morte* (Veneza: Stamperia di Andrea Poletti, tomo primo, 1749 [1740]). Em BNP, H.G. 23578//15 P., ou por uma deficiente trasladação do original italiano ou por uma má execução tipográfica, o texto italiano encontra-se pejado de erros, nomeadamente por uma incorreta separação/união de palavras ou por troca de letras; de modo a tornar a leitura acessível, atualizou-se e corrigiu-se a totalidade da citação sem indicação por meio símbolos editoriais. O sintagma inicial “e le città” não existe no texto original: será um acrescento do padre Malagrida para adaptá-lo ao seu contexto, referente à cidade de Lisboa. (N. E.)

in profunde voragini città e cittadini ricevè dal peccato la scossa. Isai. 24: *Confractioe confringetur terra, contritione conteretur terra, et gravavit te iniquitas sua, et corruet. Vi fanno sapere che se contagi, mortalità, pestilenze (...).*¹⁸

Nem digam os que politicamente afirmam que procedem de causas naturais que este orador sagrado, abrasado no zelo do amor divino, faz só uma invetiva contra o pecado como origem de todas as calamidades que padecem os homens, e que se não deve comprovar com estes espíritos ardentes, que só pretendem aterrar os mesmos homens e aumentar a sua aflição com ameaços da ira divina desembainhada; porque é certo, se me não fosse censurado dizer o que sinto destes políticos, chamar-lhes ateus, porque esta verdade conheceram ainda os mesmos gentios: *l. fluminum 24, §. hoc stipulatio, et §. servius, ff. de damn. insect.; l. propter incendium 4, ff. de pollicitat.; l. ex conducto 15, §. si vis tempestatis; l. si merces 25, §. vis maior; l. Martius 59, ff. locati;*¹⁹ nas quais ensinam que não têm outra causa os terremotos mais que a indignação divina, e por esta razão lhes chamam *vim divinam*.²⁰

Mas para que são necessárias repetições mais difusas de autoridades e misérias? Todo o engraçado da mais flórida e peregrina eloquência não dá tanta força à verdade como lhe dá a ingénua e humilde confissão de santo Tobias, o qual, governado do Espírito Santo (que não pode errar), assim ensinava aos seus irmãos e patrícios, oprimidos com tão duro cativeiro em Babilónia, a reconhecer a única origem de tão funestos desastres: *Quoniam non obedivimus praeceptis tuis, ideo traditi*

¹⁸ “No momento em que, oprimidas pela calamidade, gemem as províncias e as cidades, não ocorre, não, imputar ao céu a culpa, atribuindo a origem a constelações malignas. Quem faz réu dos desastres comuns um Marte, ou um Júpiter ou um Saturno, ou um qualquer outro planeta malévolos, crede-me, ouvintes, engana-se a si próprio e engana-vos a vós. A verdadeira regra para apurar a causa dos verdadeiros males que nos invadem deve tomar-se não dos astrólogos, mas dos livros sagrados. Lede-os, portanto, e vereis que a amarga fonte de onde brotam todas as misérias dos povos é o pecado: ‘O pecado torna os povos miseráveis’ (Prov.) [cf. Pr 14, 34]. Este é o princípio generalíssimo que eles estabelecem; depois, descendo a lições particulares, fazem-vos saber que, se vedes abatimento das monarquias, desolação dos reinos, perturbação dos governos, todo o desconcerto vem do pecado: ‘O reino é transferido de um povo para outro, por causa das injustiças, das inimizades, das afrontas e de diversos dolos’ (Ecle. 2) [cf. Eclo 10, 8, e não 2]. Fazem-vos saber que, se vedes desvanecerem-se em fogos incessantes os fenos no prado, as messes no campo, a vindima na vinha, aquilo que torna brônzeo o céu, impedindo que caia qualquer gota de chuva, sim, é o pecado: ‘Por causa dos vossos pecados, tornarei para vós o céu em ferro e a terra em bronze’ [cf. Lv 26, 18-19]. Fazem-vos saber que, se a terra, abalada por terremotos, soterra, com extrema voragem, as cidades e os cidadãos, é do pecado que recebe o abalo. Isai. 24: ‘A terra será completamente abalada, a terra será completamente abatida, e pesou sobre ti a sua iniquidade, e há de ruir’ [cf. Is 24, 19-20, em que o texto se encontra inteiramente no futuro]. Fazem-vos saber que, se contágios, mortandade, pestilência (...).” (N. E.)

¹⁹ Citações do *Corpus Juris Civilis*, cujas leis e respetivas divisões (*l., §., ff.*) são indicadas pelos sintagmas iniciais ou *incipit*. (N. E.)

²⁰ “Violência divina.” (N. E.)

*sumus in direptionem et captivitatem et mortem, et in fabulam et in improperium omnibus nationibus: quoniam non obedivimus, quoniam non obedivimus.*²¹

Ora, se o Espírito Santo, que, por ser veracidade infinita, nem pode enganar nem pode ser enganado *omnium prophetarum literis atque linguis*,²² confessa que tão grandes castigos e flagelos são todos efeitos das nossas culpas, não sei como se possa atrever um sujeito católico a atribuir unicamente a causas e contingências naturais a presente calamidade deste tão trágico terremoto. Não sabem estes católicos que este mundo não é uma casa sem dono? Não sabem que há providência em Deus? Que há Deus no Céu, que está vigiando continuamente sobre as nossas operações, e que *si in timore Domini non tenuerimus nos instanter, cito subvertetur domus nostra*,²³ como nos declara o mesmo Senhor no Eclesiástico, capítulo 27? Finalmente, há coisa mais clara e manifesta nas Escrituras que aquela terrível medida com que a majestade divina mede os pecados das cidades e dos reinos? *Super tribus sceleribus Damasci convertam eam, et super quatuor non convertam eam; super tribus sceleribus Gazae convertam eam, et super quatuor non convertam eam; super tribus sceleribus Tyri convertam eam, et super quatuor non convertam eam*²⁴ (Amós). E se ainda as cidades mais bárbaras e pagãs tinham uma certa e determinada medida, concluída a qual, os anjos destruidores descarregavam os golpes da ira de Deus sobre elas, que será das cidades católicas, cujos pecados, como acompanhados de maior conhecimento e desprezo do mesmo Senhor, se fazem infalivelmente dignos de maior castigo?

E quando as Escrituras não falassem com tanta clareza, pode ser mais evidente o juízo e sentir da Igreja nesta matéria? Em três orações que manda aos seus ministros ajuntar nestes tremores, *Deus, qui respicis terram et facis eam tremere*,²⁵ etc., não confessa mais de seis vezes que é

²¹ “Porque não obedecemos aos teus preceitos, por isso fomos dados ao saque, ao cativo e à morte, e à murmuração e ao vitupério de todas as nações: porque não obedecemos, porque não obedecemos” (cf. Tb 3, 4; a iteração final é já do discurso de Malagrida, sublinhando a sua tese). (N. E.)

²² “Nas letras e nas línguas de todos os profetas.” (N. E.)

²³ “Se não nos mantivermos diligentemente no temor do Senhor, rapidamente será subvertida a nossa casa” (cf. Eclo 27, 4). (N. E.)

²⁴ “Por causa dos três crimes de Damasco, hei de convertê-la, e por causa dos quatro não a converterei; por causa dos três crimes de Gaza, hei de convertê-la, e por causa dos quatro não a converterei; por causa dos três crimes de Tiro, hei de convertê-la, e por causa dos quatro não a converterei” (cf. Am 1, 3.6.9, embora o texto da Vulgata não registre os sintagmas *convertam eam*). (N. E.)

²⁵ “Ó Deus, que olhas sobre a terra e a fazes estremecer” (invocação que integrava algumas orações eclesásticas, nomeadamente de bênção, tomada de Sl 104, 32). (N. E.)

Deus, e não causa natural, quem sai ao campo com estas armas, ou para exterminar os pecados ou para exterminar os pecadores? De maneira que tão soberano Senhor sempre *exiit vincens ut vincat*,²⁶ ou acabando o pecado no pecador, que, abalado e atemorizado com tão horrendo flagelo, busca com uma sólida penitência o asilo da misericórdia; ou acabando o pecador no pecado, largando os obstinados ao furor executivo da sua justiça. O que se colhe deste discurso é que, quando ainda semelhantes vozes não se opusessem tão manifestamente às Escrituras, sempre seriam temerárias, mal soantes e escandalosas, porque diretamente opostas ao sentir da Igreja, que é sem dúvida a que se deve ouvir e seguir, como mestra indubitável e como a que *noscit sensum sponsi*²⁷ e pode unicamente acertar na inteligência dos seus fins.

É também escandalosa e perniciosa esta doutrina porque nos diverte da resolução e desígnios de uma verdadeira penitência, e de darmos com ela a satisfação devida à indignação tão manifesta de Deus; e como esta penitência e emenda da vida é o único escudo que nos pode defender de tantos estragos e calamidades ainda mais rigorosas que nos ameaçam, vejam os que se persuadem do contrário o perigo em que nos metem. Não cuido que será indecente de matéria tão severa explicar-me com uma comparação e fantasia poética, que talvez é a mais nobre de quantas nasceram na cabeça do príncipe dos poetas, Virgílio: examinando, pois, este prodigioso engenho e fazendo anatomia dos raios com que Júpiter, irado, mostrava o seu furor contra a terra, assenta que os ciclopes, na sua fábrica, ajuntavam uma certa e terrível mistura, que era o tortuoso dos nimbos, o chuvoso das nuvens, o impetuoso dos ventos e a força mais ativa e abrasadora do fogo; porém, o unir e confederar contra a ruína da terra elementos tão opostos e impacientes de união, só o podia idear a ficção de um entendimento poético, e não executar o trabalho e magistério do fabuloso Vulcano na sua caverna; valha, porém, a verdade: que muito mais bela, admirável e não fingida mistura descobriu Ruperto Abade (*Genes. l. 3*) nos raios e castigos da onnipotência, ódio e amor, justiça e misericórdia: *Attemperans irae furorem misericordiae societatem*.²⁸ E esta é a verdadeira inteligência e mistério, porque, diz o santo, a espada de fogo abraçada pelo serafim custódio do Paraíso

26 “Saiu vencedor, para vencer” (cf. Ap 6, 2). (N. E.)

27 “Conhece o sentir do esposo.” (N. E.)

28 “Temperando o furor da ira com a companhia da misericórdia” (cf. Ruperto de Deutz, *Comentariorum in Genesim liber tertius*, cap. XXXII). (N. E.)

era de fogo, sim, e fogo mui violento, mas era também *versatilis; talis enim est* (são palavras do santo) *ut possit versari*.²⁹ com as lágrimas, com o abatimento da nossa soberba, com uma verdadeira penitência, se pode virar; e com ser ferro, fogo e espada destinada ao extermínio dos pecadores, pode, com o benefício da penitência, trocar-se em chave para abrir, aos que *humiliant animas suas*,³⁰ os tesouros da misericórdia; porém, como há de entrar nestes cuidados e empenho o povo mais duro e rude nos seus vícios, [s]e ouvirem os que dizem, asseguram, que estas calamidades são puros efeitos das causas naturais, e não vinganças de um Deus indignado e ferido no ma[i]s vivo da sua honra, pela obstinada perfídia dos pecadores? Parece-me que o mesmo Demónio não podia excogitar doutrina mais conducente à nossa irreparável ruína do que ensinar esta naturalidade tão inatural, assinando serem, pelos sintomas, das causas segundas e naturais estes flagelos que experimentámos, ficando nós, com estes sistemas, mais empedernidos nas injúrias e desprezos da causa primeira, perseverando nós como dantes no nosso prático ateísmo.

Entra na cidade de Nínive o profeta Jonas e, passeando por toda aquela imensa Babilónia de confusão, como uma nuvem toda preñe de raios assoladores, deu tão fortes arrancos, com aqueles seus horrorosos brados e trovões, *Adhuc quadraginta dies, et Ninive subvertetur*,³¹ que logo aquele inferno de culpas se trocou, com a mais rigorosa penitência, em paraíso de virtudes e mereceu escapar daquele extermínio a que estava irremediavelmente sentenciado. Ora, eu não posso deixar de reparar neste facto: *primo*,³² que, por mais absolutos e executivos que pareçam semelhantes decretos e ameaças de Deus, sempre têm na penitência o seu remédio; segundo, que aqueles homens eram a mais vil escória do gentilismo, eram uns epicúrios, uns homens totalmente bestiais, sem nenhum conhecimento de Deus nem do fim para que eram criados, que toda a bem-aventurança de um homem era viver como irracional, unicamente submergido nos mais torpes prazeres corporais; e, contudo, é tão natural efeito destes flagelos despertarem em nós o conhecimento de Deus, que, ainda só ameaçados, fazem que um abismo de vícios se transforme em prodígio de penitência; e tu, funestíssima

29 “Versátil; e decerto assim é para que possa virar-se” (cf. Ibid., em comentário a Gn 3, 24). (N. E.)

30 “Humilham as suas almas.” (N. E.)

31 “Daqui a quarenta dias, Nínive será subvertida” (cf. Jn 3, 4). (N. E.)

32 “Primeiro.” (N. E.)

corte, a quem a espada do furor divino entrou já tanto pela terra dentro, que há mais de seis meses que continuamente te está ameaçando, em vez de buscar com toda a resolução e esforço o remédio verdadeiro, toda te arrebatas em ouvir estes silvos tão venenosos da tragadora serpente: *Non faciet Deus malum hoc: non moriemini. Non moriemini?*³³ Tornou depois, com efeito, Nínive convertida a prevaricar nas suas culpas, e tornou Deus a mandar-lhe o seu ministro e profeta a ameaçar-lhe o castigo; mas, porque quis dar crédito àqueles profetas infernais que lhe divertiam estes temores e lhe asseguravam que estes não eram efeitos de nenhuma causa ou agente sobrenatural, capaz de se exasperar com os vícios ou aplacar com a penitência, largando o primeiro acordo do arrependimento, experimentou tão rigoroso extermínio, que nem dos pecadores ficou um só vivente, nem de tantas e tão magníficas fábricas uma só pedra, para lembrar ao menos, com estes poucos fragmentos, aos séculos futuros, que ali esteve a mais opulenta cidade de todo o mundo.

Nem faltaram também nesta ocasião as profecias com que a benignidade de Deus nos avisou antecipadamente deste castigo, para que o atalhássemos, à semelhança dos ninivitas, com o arrependimento. Cinco vezes, sei eu por notícia certa, a revelou a uma sua serva, que, obrigada do mesmo Senhor, o comunicou ao seu padre espiritual, para que, calando o seu nome, o participasse, como fez a várias pessoas, para que, com suas penitências e orações, mitigassem a ira de um Deus indignado. Calo muitas outras, das quais não pode haver dúvida prudente, pela gravidade dos sujeitos que as testificam. Mais de seis meses antes desta ruína, tive eu nas minhas mãos uma relação da preciosa morte com que passou deste mundo para os prémios eternos aquela venerável serva de Deus falecida no dia da Anunciação do ano passado de 1755, no observantíssimo Convento da vila do Louriçal. Ora, nesta relação não consta claramente que o mesmo Senhor lhe revelou estava notavelmente indignado contra os pecados de todo o reino e, principalmente, ó Lisboa, contra os teus? E que fez o reino? E que fizeste tu, para atalhar o castigo tão claramente ameaçado? *Super capillos capitis nostri multiplicatae sunt iniquitates nostrae; circumdederunt nos mala, quorum non est numerus;*³⁴ fizemos como aqueles origes³⁵

³³ “Deus não fará tal mal: não morrereis” (cf. Gn 3, 4). “Não morrereis?” (N. E.)

³⁴ “Sobre os cabelos das nossas cabeças, multiplicaram-se as nossas iniquidades; cercaram-nos inumeráveis males” (cf. Sl 40, 13). (N. E.)

³⁵ Origes ou orixes (sing., orix, do latim *oryx, originis*), espécie de gazela ou cabra montesa. (N. E.)

apontados pelo profeta, tão destemidos e brutais, que, ao mesmo tempo que vem o mundo abaixo com estrondo de cães e caçadores, dirigidos à sua ruína, se vão muito alegremente, em vez de fugir, deitar a dormir profundamente nas redes armadas para apanhá-los: *Facti sunt sicut origes illaqueati dormientes in capite omnium platearum.*³⁶

Ora, suposta a verdade inegável de tantos avisos e profecias precedentes, haverá, não digo católico, mas herege, turco ou judeu, que possa dizer que este tão grande açoute foi puro efeito das causas naturais, e não fulminado especialmente por Deus, pelos nossos pecados? Mas como poderá desembaraçar-se de um argumento tão forte, que não tem nem pode ter solução? Porque eu argumento assim: Deus revelou que estava gravemente irado pelos pecados de todo o reino, e muito mais de Lisboa, e, conseqüentemente, que havia de fulminar um grande castigo; logo, este açoute não se pode atribuir a causas naturais, mas unicamente à indignação de Deus, pela exorbitância das nossas culpas. A primeira proposição, em que se estriba toda a força, para mim é tão certa como é certo que o Sol é Sol e que as estrelas são estrelas, e que na terra há gente e no mar água: é evidente que, muito tempo antes do terremoto, tive nas minhas mãos este manuscrito, que acaso achei em uma casa das principais de Lisboa; e porque nele vi tão grande peso e substância, disse a seu dono que não lho restituía mais; antes, movido de um justo temor e compaixão a esta pobre cidade, fiz várias diligências, ainda que talvez não fiz todas as que devia, para satisfazer de alguma sorte a Deus e atalhar castigo tão tremendo; pois sabia, e era para mim tão certo, que só uma conversão verdadeira das nossas almas ao mesmo Senhor podia atalhar tão horroroso estrago, como é certo que, se viver bem, me hei de salvar! Oh, como é certo que, se, ao menos agora, convencidos dos nossos mesmos desastres e tomando o escarmento nas nossas cabeças (já que não quisemos tomá-lo dos ditos exemplos alheios), tratarmos de nos humilhar e converter verdadeiramente a Deus, atalharemos afetivamente os rigores da justiça divina que nos ameaça!

Eu me atrevo a dizer que, se, desenganados já com tão grande experiência da nossa inexplicável insensibilidade em fazermos tão pouco caso e em desprezarmos tanto, e metermos debaixo dos pés um tão supremo poder e Senhor, que só com uma vista severa faz desmastrear e agonizar todo o mundo, buscarmos, verdadeiramente contritos e

³⁶ “Tornaram-se como as gazelas apanhadas na armadilha, que dormem no princípio de todas as ruas” (cf. Is 51, 20). (N. E.)

emendados, as entranhas da sua piedade, poderá ser tão vivo, tão sério e constante o nosso arrependimento, que façamos em certo modo arrepender a este Senhor de nos ter com tanto rigor quase aniquilados, ao menos despertaremos no amargoso mar da sua ira correntes dulcíssimas de compaixão e misericórdia, que restituam, e brevemente, ao triste e funesto cadáver das tuas ruínas, todo o resplendor e antiga opulência. Não o fez assim tantas vezes com aqueles hebreus tão inconstantes, e só constantes nas suas reincidências e contumácia? E se assim obrou com os servos, como, *potiori jure*,³⁷ o não praticará conosco, a quem honra com o título e tratamento de filhos? *Et filii Dei nominemur et simus*.³⁸ Sirvame para todos os casos esta escritura.

Não se contentou Ezequiel em empregar todo o cabedal do seu zelo para reduzir o pérfido e obstinado povo, já disperso, já destruído, já condenado ao jugo e cadeias de escravos em Babilónia; mas, lamentando continuamente e chorando sobre as misérias e cativo insuportável do mesmo povo, mereceu ouvir do mesmo Deus não só palavras de paz e de perdão de tantos agravos recebidos, mas que tornariam outra vez a respirar e cobrar forças e império de dominante aquelas relíquias da mais inconsolável servidão; e porque não desconfiasse de tão alta esperança o profeta contemplativo, eis que se vê de repente arrebatado do braço de Deus, capítulo 37, *Facta est super me manus Domini*,³⁹ e levado a um grande campo, *qui erat plenus ossibus*;⁴⁰ e depois que o fez medir bem com o seu aspeto atónito e espantado de podridão tão infinita, entra com ele a perguntas o mesmo Senhor: *Fili hominis, putasne vivent ossa ista?*⁴¹ Homem, ou filho de homem, que te parece: estas são as miseráveis relíquias do teu povo: parece-te que poderão outra vez cobrar alento e figura de vivos estes cadáveres tão vastos e destroçados? Ora, *vaticinare de ossibus istis, et dices eis*,⁴² que empresto por breve momento e vendo, tributária às tuas palavras, a minha onipotência; grita, manda, impera despoticamente sobre eles: *Ossa arida, audite verbum Domini*.⁴³ Não estava ainda bem concluído o preceito: eis que, impacientes para obedecerem, aqueles resíduos de

37 “Com quanto maior razão.” (N. E.)

38 “E para que sejamos chamados filhos de Deus e o sejamos de facto” (cf. 1Jo 3,1). (N. E.)

39 “A mão do Senhor surgiu sobre mim” (para estas citações, cf. Ez 37,1-8). (N. E.)

40 “Que estava cheio de ossos.” (N. E.)

41 “Filho do homem, acaso pensas que estes ossos viverão?” (N. E.)

42 “Profetiza sobre estes ossos, e diz-lhes.” (N. E.)

43 “Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor.” (N. E.)

cadáveres fizeram uma bulha infinita: *Et ecce commotio; et accesserunt ossa ad ossa, unumquodque ad juncturam suam, etc.; et super eam nervi, et carnes accesserunt*⁴⁴ (7). Eis, enfim, em um bater, não de penas, mas em um abrir de olhos, armado diante do profeta, com um exército de mortos ressuscitados, um novo teatro de nunca vistas maravilhas! E que queria significar a majestade divina com a fábrica de tantos milagres, quantos eram vivos, ao seu profeta? Muitos e mui grandes mistérios; porém o principal, e mais pertencente ao nosso caso, é que, como aqueles mortos já despedaçados se tinham, com o braço da onnipotência, traspassado a nova vida, assim da sua escravidão se passariam com brevidade a florescer e dominar, na sua amada Jerusalém, aquelas relíquias encadeadas de Jacó e de Judá.

Torno a dizer: se assim remunera a bondade infinita de Deus o arrependimento dos servos, e servos tão rebeldes e contumazes, como não deve esperar ao menos ventura não inferior o arrependimento dos filhos? *Si filii, et haeredes; haeredes quidem Dei, cohaeredes autem Christi.*⁴⁵ Antes não são palavras, não são seguros, não são convites do mesmo Cristo a todos os pecadores, em qualquer género de aflição e miséria constituídos? *Venite ad me omnes* (in Mat. 11, 81) *qui laboratis et onerati estis, et ego reficiam vos;*⁴⁶ porém, como podemos efetivamente chegar-nos a estas chagas, a estas fontes, a estas entranhas tão misericordiosas, senão detestando e expelindo as culpas que nos afastam para mais longe do mesmo Senhor do que dista do Ocidente o Oriente e a noite do dia? Oh, assim visse eu tanta resolução e fervor para esta penitência quanta vejo em armar barracas e erigir habitações, como se, aquartelados no campo, fora das casas de pedra e de telha, estivéssemos fora da jurisdição do mesmo Senhor e de toda a sombra de perigo! Oh, vergonha, certamente, e dureza nossa indesculpável! O mesmo soberano infinito, ainda nos despenhos maiores da sua ira, olha para nós e, ainda com o flagelo nas mãos, pede paz: *Ego cogito cogitationes pacis, et non afflictionis;*⁴⁷ e nós, tão consternados, tão escarmentados, tão desenganados, tão abatidos, tão aterrados com o leve movimento da sua lança (*In conspectu fulgurantis hastae tuae*),⁴⁸ parece que não queremos

44 “E eis um movimento; e os ossos juntaram-se uns aos outros, cada um à sua junta, etc.; e sobre ela cresceram os nervos e as carnes.” (N. E.)

45 “Se fomos filhos, somos também herdeiros; na verdade, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo” (Rm 8, 17). (N. E.)

46 “Vinde a mim, todos vós que sofreis trabalhos e fardos, e eu vos revigorarei” (cf. Mt 11, 28, e não 81). (N. E.)

47 “Eu tenho desígnios de paz, e não de aflição” (cf. Jr 29, 11). (N. E.)

48 “Na presença da tua lança fulgurante” (cf. Hb 3, 11). (N. E.)

acabar de humilhar-nos e render as armas: *Nunquam* (disse lá aquele antigo) *ignorantia cum sapientia, imprudentia cum prudentia, imbecillitas cum fortitudine, temeritas cum consilio, impotentia cum potentia in conflictum sua sponte descendit.*⁴⁹ E será bem que agora, em tão horrenda consternação, vejamos em nós mesmos estes assombros de contumácia contra Deus que tanto estranharíamos usar com outras criaturas? Ah, não permita o mesmo Senhor que também, em abatimento tão universal, se hajam de ouvir aquelas sentidíssimas queixas (registradas em Jó ao capítulo 19) do mesmo Senhor: *Servum meum vocavi, et non respondit: ore proprio deprecabar illum.*⁵⁰

Mas como hão de humilhar-se e buscar a Deus com a penitência, se dão ouvidos a estas perniciosas doutrinas, de que todos os extermínios que experimentamos são efeitos de causas naturais, e não castigos de Deus pelas nossas culpas? Porém, deixadas já disputas, vejamos se podemos entender-nos melhor na explicação dos termos. Quem pode duvidar que também concorressem ou pudessem concorrer as causas naturais? O ponto é se Deus se valeu ou não valeu delas para castigo das nossas culpas, que já passavam a medida por ele determinada. Explico-me com uma comparação bem clara: eu, arrebatado da cólera, desembainho a espada e mato com efeito a quem me fez o agravo; se se pergunta a causa imediata desta morte, foi a espada; porém, a mediata fui eu. Neste sentido, julgo eu, falam os que apelam para as causas naturais, porque de católicos não se pode supor outra coisa.

Disse que podem concorrer e podem não concorrer as causas naturais porque, como ensina a sólida e inconcussa teologia, sendo a essência divina infinita e contendo em si toda a virtude das mais criaturas, pode alumiar sem o Sol, banhar sem a chuva e abrasar sem o fogo; porém, muitas e muitas vezes obra com as causas naturais, mas tudo dirigindo aos seus altíssimos fins, e este é aquele *ministerium lucis et umbrae*⁵¹ que tanto venerava S.to Agostinho nesta variedade de sucessos; com que dêmos a cada coisa o que lhe toca, e não tropeçemos na desordem, tão lamentada não de um santo padre, mas de um gentio, qual era Sêneca: *Instrumenta ejus pro ipso habentes.*⁵²

49 “Nunca por vontade própria entram em conflito a ignorância com a sabedoria, a imprudência com a prudência, a fraqueza com a fortaleza, a temeridade com a prudência, a debilidade com o poder.” (N. E.)

50 “Chamei o meu servo, e ele não respondeu: instava-o com a minha própria boca” (cf. Jó 19, 16). (N. E.)

51 “Ministério de luz e de sombra.” (N. E.)

52 “Tomam os meios pelo fim” (cf. Sêneca, *Epistulae morales*, XLIV, 7). (N. E.)

E haverá quem repare que eu diga e sustente que só por castigo das nossas culpas nos visitou a onipotência divina com semelhante flagelo? Quais éramos nós, Deus sagrado, antes deste castigo? Quais éramos, senão aqueles mesmos que vejo pintados ou profetizados por S. Paulo na sua Epístola 2, 3, *ad Timoth.: Homines se ipsos amantes, cupidi, elati, blasfemi, ingrati, scelesti, sine affectione, sine pace, criminatores, incontinentes, immites, sine benignitate, proditores, protervi, tumidi, et voluptatum amatores, magis quam Dei.*⁵³ Bem claramente o temos visto. Os teatros, as músicas, as danças mais imodestas, as comédias as mais obscenas, os divertimentos, as assistências aos touros, sendo tanto o concurso, que enchiam as praças e as ruas todas; e nas igrejas, nas festas sagradas, nos sermões, nas missões apostólicas, por mais fervorosas que fossem, não aparecia uma alma! Era a maior lástima ver naqueles espetáculos profanos ainda pessoas mais insignes em ciência, eloquência e virtude!

Que diria um padre Segneri, tio e sobrinho! Que um padre Cancellote! Que um Pinamonti, um Constanzo, um Baldinucci, um Francisco de Geronimo, o padre Fontano,⁵⁴ que chegou a ter entre os suíços 60 mil ouvintes, e todos em um campo, sofrendo com inflexível paciência uma chuva insuportável, e todos descalços, até os mesmos senadores e regedores daquela tão populosa república, chamados, em sua língua, sculletos!⁵⁵

É verdade que ouço muitos *tolere usque i[n]*⁵⁶ *coelum*⁵⁷ o culto divino e a piedade desta corte, e assentam que por este respeito nos sofreu tanto a misericórdia divina; porém, ouçam do mesmo apóstolo que piedade é ou era esta nossa: *Habentes speciem quidem pietatis, virtutem autem ejus abnegantes;*⁵⁸ falsas aparências, hipocrisias infinitas, e nada mais; monturos cobertos de neve para enganar com aquela fraudulenta superfície que os faz parecer totalmente diversos do que na realidade são: *Speciem quidem pietatis habentes, virtutem autem ejus abnegantes.*

Mas ah! Que nem sequer este fraco exterior, esta leve tinta de piedade e culto divino! Ver as igrejas tão solitárias, e as casas de jogo,

⁵³ “Homens que se amam a si mesmos, cobiçosos, jactantes, blasfemos, ingratos, perversos, sem afeto, sem paz, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem bondade, traidores, protervos, enfatuados, e mais amantes da volúpia do que de Deus” (cf. 2Tm 3, 2-4). (N. E.)

⁵⁴ Conjunto de padres jesuítas italianos dos séculos XVII-XVIII, afamados pregadores e missionários.

⁵⁵ O autor referir-se-á a “scultetos”, da forma latinizada *scultetus*, *Schulteiss* em alemão, título dado aos governantes dos municípios e cantões suíços. (N. E.)

⁵⁶ Em BNP, H.G. 23578//15 P.: *u.* (N. E.)

⁵⁷ “Elevar até ao céu.” (N. E.)

⁵⁸ “Tendo, de facto, uma aparência de piedade, mas negando-lhe o seu poder” (cf. 2Tm 3, 5). (N. E.)

de conversa, tão frequentadas? Andar o Santíssimo Sacramento pelas ruas aos enfermos, com acompanhamento pouco decente à majestade divina, ainda em algumas das freguesias mais populosas? Que praças, que comércios, que gritos, que motins não se faziam, até nos coros de quase todos os conventos de religiosas? De sorte que, achando-me uma vez nestes conflitos e tumultos tão estranháveis, foi necessário chegar-me a elas e estranhar-lhes publicamente um tal desprezo de Deus e de seu culto; isto era nos dias santos e nas ocasiões dos Ofícios Divinos: *Solitudo, vastitas, silentium magnum factum erat in terra;*⁵⁹ porque, aonde havia duzentas e trezentas religiosas, apenas se achavam cinco ou seis para atropeladamente mastigar aquela reza, que muitas vezes cessava totalmente, porque nem esse pequeno número havia. Isto faziam as mulheres e os homens, os religiosos, os beneficiados, as colegiadas, as sés, que haviam de ser o ensino, o exemplo e espelho de todas as mais! Digam os seus mesmos agregados as práticas, as risadas que reservavam aqueles ilustres oficiantes para o tempo das missas, ainda mais solenes, por divertir o enfado de tão elevados e divinos mistérios. Vejamos, por reverência de Deus e compaixão de nós mesmos, os gravíssimos castigos ameaçados de Deus para semelhantes insultos: *Maledictus qui facit opus Dei negligenter;*⁶⁰ vejam aquela *abominationem desolationis stantem in loco sancto,*⁶¹ registrada em São Mat., ao capítulo 25; abominação que traz indispensavelmente não só ruínas, mas extermínios a toda a terra; tenham horror das queixas e ameaços do mesmo Senhor em Ezeq., no capítulo 8: *Vides abominationes magnas, quas domus Israel facit hic;*⁶² *bic,*⁶³ na minha casa. Ibid., vers. 6, 13, 9: *Abominationes magnas, abominationes maiores, abominationes pessimas.*⁶⁴ Não me poderão já negar, ao menos de Cristo, bem nosso, que, fazendo benefício a todos, ainda aos mais ímpios pecadores, nunca chegou a molestar, nem descompor, nem açoutar com suas mãos, senão os profanadores do Templo. E que profanadores e que casta de templos eram aqueles, em comparação da santidade e majestade dos nossos? *Cum fecisset quasi flagellum de funiculis, omnes ejecit de templo.*⁶⁵ Não foi pelo desprezo

59 “Solidão, desolação e um grande silêncio tinham-se feito na terra.” (N. E.)

60 “Maldito o que realiza a obra de Deus negligentemente” (cf. Jr 48, 10). (N. E.)

61 “Abominação de desolação instalada no lugar santo” (cf. Mt 24, 15). (N. E.)

62 “Vês as grandes abominações que a Casa de Israel aqui faz?” (Ez 8, 6). (N. E.)

63 “Aqui.” (N. E.)

64 “Grandes abominações, maiores abominações, perversas abominações” (cf. Ez 8, 6.13.9). (N. E.)

65 “Tendo feito uma espécie de chicote de cordas, expulsou todos do Templo” (cf. Jo 2, 15). (N. E.)

do seu Templo que Deus mandou dois anjos despedaçar com açoutes tão rigorosos a Heliodoro? Não foi pela vingança do seu Templo que mandou do mesmo santuário uma escolta de chamas a devorar Nadab e Abiú, só pelo descuido de não observar nos sacrifícios alguns ritos, como era queimar o incenso a Deus com fogo usual e profano? Não foi por vingança semelhante do Templo que encheu de lepra a El-rei Ozias? Por vingança do Templo exterminou do trono a Manassés e o mandou cativo com o seu povo para Babilónia. Por vingança do Templo privou do reino e da vida a Baltazar, na mesma noite em que profanou, com a intemperança do seu convite, os vasos sagrados. Pela vingança do Templo castigou da mesma sorte a Senaquerib e o fez despedaçar com um horrendo parricídio. Ouçam, por reverência de Deus e dos seus templos, o brado horroroso que dá aos seus anjos, com as palavras de Jeremias (no capítulo 51, 11), que faz tremer: *Acuite sagittas, implete pharetras, quoniam ultio Domini est, ultio templi sui.*⁶⁶ Valha-me a majestade divina; pois, se então era tão inexorável em vingar as injúrias do seu culto e daqueles templos nos quais não se administravam tão grandes sacramentos e mistérios, pois não assistia neles, com a sua real presença, o Corpo e Sangue de Jesus Cristo, como podíamos esperar que passasse agora com tanta insensibilidade e indiferença as mais sacrílegas irreverências e as mais detestáveis torpezas que se praticavam nos templos ainda mais insignes desta metrópole de tantos reinos?

Porém, meu Deus e Senhor, *loquar ad Dominum Deum meum, cum sim pulvis et cinis,*⁶⁷ perdoai, por quem sois, a minha grande ignorância e sentimento: que castigueis as cidades e profanadores dos vossos templos, parece-me muito bem; mas que vireis a espada fulminante contra os vossos mesmos templos! Que sejais tão implacável contra as vossas casas, tronos e altares, que apenas temos um templo para recorrer a vós, para vos louvar, para vos oferecer, à Trindade Santíssima, a hóstia propiciatória do vosso Corpo sagrado! Oh estranha e terrível vingança! Oh força a mais lutuosa, a mais horrenda, a mais inaudita da indignação divina! Aonde se viu tão grande estrago, que, depois que o mundo é mundo, e depois da Igreja santa no mundo: *Ultio Domini est ultio templo sui!*⁶⁸

⁶⁶ “Afiar as setas, enchei as aljavas, porque é a vingança do Senhor, a vingança do seu templo” (cf. Jr 51, 11). (N. E.)

⁶⁷ “Hei de falar ao Senhor meu Deus, ainda que eu seja pó e cinza” (cf. Gn 18, 27). (N. E.)

⁶⁸ “A vingança do Senhor é a vingança do seu templo.” (N. E.)

Ora, e é possível que um caso destes, um sinal tão claro e manifesto da mais horrível indignação de Deus contra nós, não nos mova a todos a fazer pedaços de nós mesmos, para dar-lhe sequer algum género de satisfação *et fugere a ventura peior[e]*⁶⁹ *ira?*⁷⁰ Ouço dizer que nas cidades vizinhas, aonde a ruína não foi tão grande, fizeram e ainda fazem maravilhas de penitências, pés descalços, cruces, açoutes, jejuns a pão e água, e outras mortificações infinitas; e cá, onde a perda e o extermínio é o que vemos, nada ou quase nada vemos de tão justos e indispensáveis desvelos; de sorte que se admiram as outras cidades de tão pouca demonstração, que fez a corte de Lisboa, pública de penitência; porém, confesso ingenuamente que eu absolveria toda esta corte de tão louvável tarefa de oculta ou pública penitência, contanto que todos fizessem a Deus, para alguma satisfação, o sacrifício de se retirarem, por seis dias sequer, na casa dos exercícios, para ponderar, com melhor desafogo e maior luz, o que é e o que nos traz de infinitas misérias um pecado mo[r]tal⁷¹ contra tão grande Senhor. É certo que toda a nossa ruína e causa de precipitar-nos, com tanta facilidade, nestes abismos, é a falta de consideração: *Desolatione desolata est omnis terra, quia non est qui recogitet corde.*⁷² Concedo que, ainda no rebuliço do mundo e das casas particulares, se pode considerar nesta matéria; mas recogitar, como é preciso, é reservado só para estas palestras sagradas. Nem digam que são cristãos e que já creem e sabem que há Deus, Inferno e Eternidade, porque as obras não o mostram; e se o sabem, como tão pouco o temem! Outra coisa é uma ciência de santos, que se alcança com aquelas três horas de orações mentais, não tendo mais trabalho que atender ao padre diretor, que propõe e explana toda a substância delas; e outra coisa é ter uma ciência de d[e]mónios,⁷³ que só serve para nos fazermos nós mais ímpios e obstinados: *Declaratio sermonum tuorum illuminat* (diz o santo profeta rei) *et intellectum dat parvulis.*⁷⁴ De que serve, a um piloto e capitão de navio, trazer em viagens dificultosas boas cartas de marear, se as traz ordinariamente sepultadas em o fundo de uma caixa?

Não posso sofrer o ver, nos outros reinos, domínios, nações e repúblicas católicas, o como servem e florescem cada dia mais estes santos retiros e exercícios, de modo que há cidades com quatro ou seis casas de exercícios,

69 Em BNP, H.G. 23578//15 P.: i. (N. E.)

70 “E fugir da ira que sobrevirá ainda pior.” (N. E.)

71 Em BNP, H.G. 23578//15 P.: t. (N. E.)

72 “Toda a terra está completamente desolada, porque não há quem medite no seu coração” (cf. Jr 12, 11). (N. E.)

73 Em BNP, H.G. 23578//15 P.: o. (N. E.)

74 “A revelação das tuas palavras ilumina e dá entendimento aos simples” (cf. Sl 119, 130). (N. E.)

todas necessárias, pelo extraordinário concurso das gentes que a elas concorrem; e nesta dominante tão vasta e tão católica, tanto aborrecimento a eles, que a Companhia, de quem o mesmo Deus fez própria esta administração, muito mais que as outras ciências e ministérios, tendo tantas outras casas, não chegou ainda a poder ter uma casa bem estabelecida para este efeito. Quantas pessoas nobres e ilustres haverá que não se sabem examinar! Quantas que não se sabem confessar! E quantas que não se sabem arrepender e cuidam que toda esta fábrica é negócio de palavras, é bater no peito, é rezar o formulário do Ato de contrição, e nada mais; e quantos que não se podem absolver, porque ou não sabem ou estão esquecidos até dos mesmos artigos da fé! Prouvera a Deus que isto fosse só um caso singular e que não tivesse achado semelhante desamparo ainda em pessoas muito conspícuas! Como se podem facilitar e capacitar estes a fazer uma confissão geral, canónica, verdadeira e segura, senão nestes silêncios e solidões, à luz de tantas instruções e meditações, onde, ainda com assistência de mestres tão conspícuos e tão idóneos para este fim, padecem suas dúvidas, para sossego da sua consciência, para acertar os meios que hão de tomar e o norte que hão de seguir para assegurar o negócio da sua salvação?

Esta, ó Lisboa, é a verdadeira causa do terremoto e o juízo que dele forma quem te deseja o maior bem e o mais empenhado em que a corte se veja no seu antigo esplendor, para coroa imortal de Sua Majestade, aumento de toda a monarquia e, sobretudo, para maior honra e glória de Deus.

LICENÇAS DO SANTO OFÍCIO

Pode-se imprimir o papel que se apresenta intitulado *Juízo da verdadeira causa do terremoto*, e quer dar ao prelo o padre Gabriel Malagrida; e depois voltará, conferido, para se dar licença que corra, sem a qual não correrá.

Lisboa, 22 de junho de 1756.

*Silva. António Ribeiro. Abreu. Trigoso.
Simão José Silveiro Lobo.*

DO ORDINÁRIO

Censura de Amaro Duarte Silva, juiz do Tribunal da Legacia, desembargador e vigário-geral que foi do arcebispado de Braga, etc.

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor,

Li com grande gosto este papel, que vejo ser invenção e composição do padre Gabriel Malagrida, da Companhia de Jesus, varão bem conhecido pelos seus apostólicos empregos e do número daqueles de que é fecundíssimo o seu esclarecido instituto: nada contém que dissone ainda dos mais pios ditames da religião, antes, além da propriedade das Escrituras e solidez de doutrinas de que está ornado, reluz nele tanto a chama superior que incende ao autor, que bem mostra ser forjado naquela frágua onde reside um espírito que, entre outros afetos e efeitos da sua larguíssima contemplação, pôde levantar os olhos, no primeiro de novembro passado, quando, em cada ruína que despedia o zimbório do seu colégio para o cruzeiro em que estava ajoelhado, via iminentes outras tantas mortes e tantas mais fatalidades, pôde, digo, levantar os olhos ao Céu e dizer para [ele],⁷⁵ com igual desafogo que resignação: *Paratum cor meum Deus, paratum cor meum.*⁷⁶ Tal é a disposição com que acodem os bons servos, se entendem que lhes pulsa o Senhor, mas só quem vive assim sabe formar um juízo tão próprio das obras de Deus; e por isso me persuado que deixarão só de o reputar como tal aqueles que ou não gastam qualquer instante em meditá-las ou, com o pretexto do acaso, querem autorizar a liberdade em que os precipita a sua obstinação. Este é o meu parecer. Vossa Excelência resolverá o que for servido.

Lisboa, 22 de julho de 1756.

Amaro Duarte Silva.

Vista a informação, pode-se imprimir o papel intitulado *Juízo da verdadeira causa do terremoto*, e depois de impresso, tornará, para se conferir e dar licença para correr.

Lisboa, 23 de julho de 1756.

D. J. A. L.

⁷⁵ Em BNP, H.G. 23578//15 P.: eles. (NE)

⁷⁶ “O meu coração está preparado, ó Deus, o meu coração está preparado” (cf. Sl 108, 2). (N. E.)

DO PAÇO

Censura do Muito Reverendo Padre Mestre Manuel Monteiro, da
Congregação do Oratório, etc.

Senhor,

O papel que Vossa Majestade me manda ver parece-me digníssimo de se estampar, e nem a matéria que nele se trata nem a forma com que o padre Gabriel Malagrida, seu autor, discorre e a autoriza contém coisa alguma contra as regalias do reino, antes poderá conduzir muito para a pontual observância da lei divina e das de Vossa Majestade. Assim o julgo, salvo o melhor juízo. Vossa Majestade ordenará o que for servido.

Lisboa, e Congregação do Oratório, no Real Hospício de Nossa Senhora das Necessidades, em 2 de agosto de 1756.

Manuel Monteiro.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Ofício e Ordinário; e depois de impresso, tornará à Mesa, para se conferir e taxar e dar licença para que corra, que sem ela não correrá.

Lisboa, o 1 de setembro de 1756.

Duque P. Carvalho. D. Velho.
Pacheco.

Fonte: Padre Gabriel Malagrida. *Juizo da verdadeira causa do terremoto, que padeceo a corte de Lisboa*, Lisboa, na Officina de Manoel Soares, 1756.